

1 Introdução

O objetivo do estudo é mostrar as percepções de adolescentes atendidos no Programa Sentinela de Itaboraí, no Estado do Rio de Janeiro, sobre a violência física sofrida no contexto intrafamiliar. A pesquisa teve caráter qualitativo-exploratório, baseada numa proposta de estudo singular e universal dos casos dos usuários atendidos. “(...)Os dados da pesquisa qualitativa objetivam uma compreensão profunda de certos fenômenos sociais apoiados no pressuposto da maior relevância do aspecto subjetivo da ação social” (Goldenberg, 2000, p. 49). Os critérios para seleção dos casos analisados foram adolescentes de 12 a 15 anos de idade, vítimas de violência física intrafamiliar, de ambos os sexos e com até 02 anos de atendimento. Desse perfil foram encontrados três casos, contudo só aceitaram participar da pesquisa duas adolescentes.

Os procedimentos técnicos utilizados para obter os dados necessários para a construção da pesquisa consistiram no levantamento bibliográfico, no uso dos documentos oficiais do Programa (Relatório Quali-quantitativo e Manual do Programa Sentinela), na leitura das fichas psicológica e social dos adolescentes, no perfil traçado e na realização de entrevistas semi-estruturadas. Cabe salientar que o levantamento bibliográfico e a análise documental são procedimentos que estão entre os principais delineamentos de pesquisa, chamados fontes de “papel”.

“O delineamento refere-se ao planejamento da pesquisa em sua dimensão mais ampla, envolvendo tanto a diagramação quanto a previsão de análise e interpretação de coleta de dados. Entre outros aspectos, o de delineamento considera o ambiente em que são coletados os dados e as formas de controle das variáveis envolvidas” (Gil, 1996, p.48).

A leitura das fichas sociais e psicológicas (anexo I) possibilitou a compreensão da história de vida das adolescentes, já que os registros dos profissionais mostravam uma trajetória de, aproximadamente, dois anos de acompanhamento. É importante explicar que a entrevista semi-estruturada ou parcialmente estruturada é aquela em que o pesquisador enfoca os pontos de interesse a serem explorados durante a mesma.

“A realização de entrevistas de pesquisa é muito mais complexa que entrevistas para fins de aconselhamento ou seleção de pessoal. Isto porque a pessoa escolhida não é a solicitante. Logo, o entrevistador constitui a única fonte de motivação adequada e constante para o entrevistado. Por essa razão, a entrevista nos levantamentos deve ser desenvolvida a partir de estratégia e tática adequadas” (Gil, 1996, p. 93).

Para a realização da entrevista foi explicada a cada adolescente e a seus respectivos familiares a finalidade da mesma. Os responsáveis assinaram um termo de autorização (anexo II), concordando com a participação das adolescentes, tendo em vista que as usuárias entrevistadas são menores de 18 anos de idade, assim como também as adolescentes assinaram o termo por aceitarem participar do estudo. Essa forma respeita as exigências éticas de uma pesquisa e serve para mostrar a horizontalidade da relação entre pais e filhos e o respeito à opinião da adolescente sobre decisões que dizem respeito à sua vida. Cabe salientar que os nomes utilizados no estudo são fictícios, para resguardar a identidade dos sujeitos da pesquisa e garantir o sigilo profissional.

Antes de prosseguir, faz-se necessário salientar os motivos que impulsionaram o interesse pelo estudo da temática - Violência Doméstica contra criança e adolescente. No ano de 2002, iniciou-se estágio supervisionado em Serviço Social no Programa Sentinela de Itaboraí, que durou seis meses e possibilitou a aproximação com o fenômeno da violência intra e/ou extrafamiliar contra criança e adolescente, seja no aspecto prático como no teórico. A partir dessa experiência foram surgindo alguns questionamentos, sobretudo quanto à manifestação da violência física intrafamiliar contra criança e adolescente, que culminaram na construção do Trabalho de Conclusão de Curso, visando à obtenção do grau de Bacharel em Serviço Social na Universidade Federal Fluminense, sobre a violência física no âmbito familiar contra criança de 05 a 11 anos de idade. O objetivo do estudo naquele momento era conhecer e analisar as causas da prática da violência física dos pais e/ou responsáveis a seus filhos. Para alcançar esse objetivo utilizou-se a documentação oficial do Programa Sentinela, especialmente as fichas sociais das crianças em atendimento psicossocial.

No decorrer do estudo, pôde-se constatar que os técnicos registravam as percepções dos pais e/ou responsáveis agressores sobre a violência física, mas não a das crianças vitimizadas. E durante a leitura das fichas de acompanhamento notou-se que os agressores justificavam a prática da

violência física como forma de “educar” e/ou “corrigir” as crianças, não a percebendo como ato violento.

A lacuna observada nas fichas, quanto à percepção das próprias vítimas da violência, proporcionava inquietações e conseqüentes indagações, tais como: o que as vítimas entendem por violência? Como avaliam a educação dada pelos seus pais e/ou responsáveis? Como percebem a violência física? Na concepção das vítimas o que impulsionaria a violência física? Como gostariam de ser tratadas pelos seus pais? Como criariam seus filhos, caso os tivessem? Esses questionamentos direcionaram a busca da compreensão das percepções¹ dos adolescentes vitimizados pela violência física, agora no presente estudo.

O enfoque do estudo na adolescência deve-se ao entendimento de ser ela uma fase da vida humana com mais condições de expressão, pois já passou por um processo de socialização social, afetivo, econômico, cultural, que pode ser mantido ou não. Os adolescentes tendem a ser críticos e a buscarem a construção de novas relações sociais. E por tratar-se de uma fase marcada pelo sentimento do luto (perdas) do corpo infantil, dos pais da infância e da sua identidade infantil, esse sentimento de luto pode ocasionar depressão, agressividade, ansiedade dentre outras expressões, que podem ser acentuadas caso o adolescente seja vítima de violência intra e/ou extrafamiliar, acarretando graves conseqüências emocionais. As autoras Azevedo e Guerra (1989), ao refletirem sobre o adolescente vitimizado, citam:

“(...) Gabarino preocupa-se profundamente com o adolescente vitimizado fisicamente, com as conseqüências desse processo, que muitas vezes não são conseqüências de ordem física, mas o são de ordem emocional e muito graves” (Azevedo e Guerra, 1989, p.40).

No entanto, convém salientar que as conseqüências provenientes da violência sofrida irão depender da capacidade do indivíduo de lidar com a situação vivenciada e superá-la. A rede social que envolve o sujeito, a comunidade, o grupo, a família e outras instituições, podem ter um papel fundamental para auxiliar o indivíduo vitimizado a superar o fenômeno violento

¹ Lopes (2001) - Professor Adjunto da Universidade Federal Fluminense – Doutor pela USP/1992, parafraseia a definição de Merleau-Ponty sobre percepção. Vejamos: **Percepção** “(...) é um fenômeno da consciência. Nossos sentidos captariam o mundo exterior, com todos os seus limites, e com eles construiríamos mentalmente a imagem do que vemos, ouvimos etc., para além do que sentimos (Lopes, 2001:10). Complementando: “(...) Trata-se de uma reconstrução do que é capturado pelos sentidos, que por sua vez são instrumentos limitados que nos vinculam ao mundo exterior” (Lopes,2005).

vivido. Essa capacidade humana de saber lidar e resistir às condições de estresse, traumas, violência e outras é denominada resiliência.

“A resiliência pode ser expressa como força reativa interente ao próximo sujeito em relação ao seu grupo de pertencimento, de familiares e comunitários. Esta capacidade resiliente se configura como um processo de subjetivação, implicado no entrecruzamento dos aspectos subjetivos e objetivos, com os decorrentes dos arranjos psicológicos, culturais, sociais e situacionais, de acordo com o entrelaçamento dos sujeitos sociais e do contexto social envolvidos neste processo” (Barros, 2005, p.54).

O estudo das percepções dos adolescentes sobre a violência vivenciada é um veículo de busca para a compreensão do real vivido, não só para saber como enfrentar o fenômeno, mas também para permitir que eles sejam protagonistas, sejam sujeitos do estudo da violência intrafamiliar na contemporaneidade. Ao estudar as percepções desse público alvo, realizar-se-á o movimento de aproximação ao percebido por esses adolescentes, de modo que se alcancem os conteúdos relevantes para a manifestação do fenômeno na visão dos mesmos, ou seja, a intencionalidade para a existência da violência.

As percepções não podem ser analisadas isoladamente, devem-se considerar os fatores históricos, culturais, econômicos, sociais e políticos, pois o homem está no mundo se relacionando com ele, influenciando e sendo influenciado. As percepções são a consciência desta relação; que vai mostrar como o indivíduo captura sua realidade e a constrói, repletas de pré-conceitos e valores morais.

O pesquisador, ao realizar um estudo dessa natureza, deverá sair da consciência sensível, onde estão construídas as realidades produzidas pelo sentido, e alcançar a consciência intelectual, aquela pautada na reflexão crítica. Ele deverá transcender o imediatismo e buscar os motivos que levaram o indivíduo a possuir aquela visão sobre determinado fenômeno, portanto, ir além das aparências. O movimento crítico-reflexivo também possibilitará ao pesquisador transcender suas próprias percepções sobre o fenômeno para compreendê-lo em sua especificidade e totalidade. *“A reflexão deve iluminar o irrefletido ao qual ela sucede e mostra sua possibilidade para poder compreender-se a si mesma enquanto começo” (Merleau-Ponty, 1999, p. 287).*

À luz do pensamento do filósofo Merleau-Ponty (1999), a palavra compreender é:

“(...) reapoderar-se da intenção total – não apenas aquilo que são para a representação a “propriedade” da coisa percebida, a poeira dos “fatos históricos”, as “idéias” introduzidas pela doutrina -, mas a maneira única de existir (...)” (Merleau-Ponty, 1999, p.16).

Para se realizar a reflexão crítica das percepções dos adolescentes vitimizados pela violência física intrafamiliar, fez-se necessário apresentar algumas categorias que permearam a pesquisa, tais como Políticas Sociais, em destaque o Programa Sentinela, Violência e Adolescência.

No primeiro capítulo foi trazido para discussão o processo de implantação do ECA (Estatuto da Criança e do Adolescente), que normatiza a Política Pública voltada à criança e ao adolescente brasileiros. Ele foi promulgado em 1990 para regulamentar os direitos expostos na Constituição Federal de 1988, no Capítulo VII, no que se refere à criança e ao adolescente. A luta pela implantação do ECA mostrou a mudança de olhar de parcela da sociedade sobre a infância e a adolescência brasileiras. Esses segmentos etários deixam de ser tratados como objetos de uma política e passam a ser percebidos como sujeitos de direito, sob um processo de valorização e preocupação com o bem-estar da criança e do adolescente. O intuito deste capítulo é sinalizar que, sem dúvida, o ECA foi um avanço conquistado pela sociedade em favor, sobretudo, do público infanto-juvenil, porém os obstáculos para sua implementação, derivados dos direcionamentos políticos neoliberais de sucateamento da “coisa” pública, vêm proporcionando uma limitação na garantia dos direitos da criança e do adolescente.

A instituição de apoio da pesquisa foi o Programa Sentinela, que veio cumprir o artigo 87, inciso III do Estatuto² e atender à crescente demanda por atendimentos especializados às crianças e aos adolescentes vítimas de violência intra e/ou extrafamiliar. Não se poderia deixar de mencionar o seu surgimento e os novos reordenamentos advindos com o SUAS (Sistema Único de Assistência Social). Logo serão mostradas algumas mudanças no programa em decorrência do SUAS.

² O art. 87 inciso III estabelece que: *Serviços especiais de prevenção e atendimento médico e psicossocial às vítimas de negligência, maus-tratos, exploração, abuso, crueldade e opressão.*

O segundo capítulo tratará da categoria Violência, especificamente a violência física intrafamiliar contra o adolescente. A princípio será realizada uma problematização do fenômeno à luz do pensamento de Hannah Arendt (2001), que possibilita compreender a manifestação do fenômeno. A partir dessa reflexão, voltar-se-á o olhar para duas subcategorias de violência, definidas pela OMS (Organização Mundial de Saúde em 2000), como a interpessoal e a coletiva.

A violência coletiva tem como autor o Estado e/ou a sociedade, podendo-se destacar como uma de suas expressões a desigualdade econômica e social. No Brasil, essa subcategoria vitimiza milhões de pessoas e pode ser um forte determinante para a violência doméstica contra a criança e o adolescente e para a violência urbana. Porém a violência coletiva, normalmente, não é percebida pelo senso comum como uma expressão de violência, em face da naturalização, por um conjunto da sociedade, da pobreza e da miserabilidade da população.

Já a violência interpessoal é a manifestação do fenômeno nas micro-relações, tanto no espaço público (a rua) como no espaço privado (a casa). A análise dessa expressão da violência física intrafamiliar não dispensa relacioná-la à violência urbana, tendo em vista não só a preocupação de muitos pais com seus filhos, mas pelo fato de os filhos adotarem práticas violentas em decorrência da sua inserção em atividades ilícitas, e serem vítimas por estarem envolvidos nestas atividades ou andarem em “más companhias”, ou pelo fato de seus filhos saírem às ruas. A percepção da parcela da sociedade sobre a violência urbana, e sobretudo sobre os autores dessa expressão da violência, modificou-se ao longo dos anos, mediante as vicissitudes da conjuntura. Em cada momento histórico a forma de percepção da violência pela população irá se diferenciar e, no item sobre a violência urbana, essa diferenciação será brevemente mencionada.

A forma de violência interpessoal a destacar é a violência doméstica contra a criança e o adolescente. Essa violência começou a ganhar visibilidade social no Brasil na década de 1980, mas foi na década seguinte (1990) que a problematização do fenômeno adquiriu mais força, tanto no universo acadêmico como na sociedade em geral. Não se pode deixar de enfatizar que, desde a década de 1990 até os dias atuais, as discussões no universo acadêmico e na sociedade em geral foram mais focalizadas na manifestação da violência sexual intra e/ou extrafamiliar. Tratou-se aqui da violência física contra o adolescente no

contexto familiar, tendo em vista que essa forma de violência será o foco de análise deste trabalho.

No terceiro capítulo realizou-se uma reflexão sobre a categoria Adolescência. Para se compreender a adolescência é fundamental transcender o olhar de uma fase problemática e de mudanças corporais (puberdade), para se alcançar a amplitude desse período do homem como um segundo nascimento, conforme ressalta Jean-Jacques Rousseau (In Dolto, 1988), pois o adolescente passa a buscar a auto-afirmação através da construção de suas próprias idéias e conceitos, a decidir quanto aos valores que julga melhores para sua vida. Enfim, trata-se de um processo de preparação do indivíduo para ser adulto. No entanto, existem pais que, por não saberem lidar com os filhos adolescentes, preferem considerá-los “aborrecentes”, porque os questionamentos deles os incomodam, pois os obrigam a refletir sobre “verdades” cristalizadas, em que preferem não pensar. Nessa categoria aborda-se a puberdade e a adolescência no contexto familiar e a relação pais e filhos.

No último capítulo tratar-se-á do processo da pesquisa com as adolescentes atendidas no Programa Sentinela de Itaboraí. Mesmo brevemente, fez-se necessário primeiro contextualizar o município de Itaboraí e apresentar o processo de implantação do Programa Sentinela de Itaboraí, de modo que se pudesse conhecer o município e a instituição de apoio da pesquisa.

O estudo das percepções das adolescentes sobre a violência física intrafamiliar sofrida no âmbito doméstico tem a pretensão de desvelar a visão da vítima sobre o fenômeno, para contribuir modestamente com a publicização da violência física e para a construção de mecanismos de enfrentamento dessa expressão de violência doméstica dentro do próprio Programa Sentinela e nas comunidades pois, como ressalta Pessanha (2001), o adolescente é o barômetro da sociedade.

Não se tem a pretensão de esgotar as discussões das categorias abordadas neste estudo, pois se sabe que o fenômeno da violência física é complexo e sofre influências sócio-históricas, culturais e econômicas, que o caracterizam de maneira peculiar, mas apenas acrescentar reflexões, questões e sugestões para futuros estudos.